

BRAVATAS MUDIÁTICAS DE DONALD TRUMP CONTRA A GRANDE IMPRENSA OFUSCAM TRAGÉDAI HUMANITÁRIA

Maria Veronica Aragão¹

Em uma mídia internacional atônita diante do comportamento inusitado, para dizer o mínimo, de um dos homens mais poderosos do mundo, senão o mais poderoso, o recém eleito presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, que, entre outras bizarrices, tem abertamente declarado guerra à imprensa americana, acusando-a de criar *fake news* e “fatos alternativos” quando as informações divulgadas a respeito de sua forma de governar não lhe são favoráveis, a notícia da declaração de zona de fome efetuada pelo Sudão do Sul ganhou repercussão desproporcional às dimensões da tragédia.

Essa falta de interesse pelo tema da fome não é recente, de acordo com Josué de Castro, médico e diplomata pernambucano², que no prefácio à primeira edição de seu livro *Geografia da Fome*, reconhecido mundialmente, publicado em 1946 e posteriormente traduzido para vários idiomas, desde então questionava:

Quais são as causas ocultas desta verdadeira competição de silêncio em torno da fome? Será por simples obra do acaso que o tema não tem atraído devidamente o interesse dos espíritos especulativos e criadores dos novos tempos? Não Cremos. [...]: foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido ou, pelo menos, pouco aconselhável de ser abordado publicamente (CASTRO, 2002. p.12).

Além do fenômeno Trump, têm sido recorrentes nos meios de comunicação, há algum tempo, a ascensão das correntes ideológicas nacionalistas que em breve disputarão eleições em países europeus (a exemplo da Frente Nacional de Marine Le Pen, na França, para ficar apenas em um exemplo), que

¹ Graduada em Letras pela Fafire, pós-graduada em Diplomacia e Negócios Internacionais e graduanda em Relações Internacionais, ambas pela Faculdade Damas.

² Em 1952, foi eleito Presidente do Conselho Executivo da FAO, Organismo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, permanecendo no cargo até o final de 1956. Em 1962, era embaixador do Brasil na ONU, sendo destituído do cargo de embaixador-chefe em Genebra, em 1964, pelo ura golpe militar no Brasil (fonte: Centro Josué de Castro).

ganharam fôlego extra a partir do *Brexit*³, ascensão justificada como decorrente da insatisfação dos cidadãos europeus com as políticas de imigração de seus governantes. Os constantes naufrágios dessas levas de refugiados em suas arriscadas travessias pelo Oceano Pacífico, em busca de melhores condições de vida longe de suas origens, também têm recheado os noticiários ao redor do mundo.

No Brasil, as manchetes dos jornais, revistas, blogs, redes sociais e outros informativos têm girado predominantemente a respeito da grave crise econômica, da qual o país tenta se reabilitar, a respeito do envolvimento de políticos das mais variadas alas partidárias em casos de desvio de dinheiro público, inclusive políticos de países vizinhos, da América Central e da África, supostamente subornados pela Construtora Odebrecht.

Neste cenário dominado por titãs, uma menção sobre o pequeno, pobre e periférico Sudão do Sul não teria como se destacar, mesmo tratando-se de um alerta a respeito de (mais) uma tragédia humanitária.

A criação do estado independente do Sudão do Sul, República do Sudão do Sul, ocorreu após 12 anos de guerra civil que deixou 1,5 milhão de mortos. Em janeiro de 2011, 99% dos eleitores do Sudão do Sul votaram a favor da separação da região, predominantemente cristã e animista⁴ (minorias étnicas) em relação ao Norte, governado a partir de Cartum, onde a população é em sua maioria mulçumana e de origem árabe.

O maior grupo étnico é o dos *dinka*. Outros grupos incluem os *nuer*, os *azande*, os *bari*, os *shilluk* e os *anuakes*. Há também uma pequena população árabe. O inglês é a língua oficial, mas os povos do Sudão do Sul falam muitas outras línguas nativas. A maioria da população vive nas áreas rurais.

Apesar de possuir grandes reservas de petróleo, o Sudão do Sul já nasceu como um dos países mais pobres do mundo, com a maior taxa de mortalidade materna, a maioria das crianças fora da escola e um índice de analfabetismo que chega a 84% entre as mulheres, conforme dados da ONU.

³ Brexit: abreviação das palavras em inglês *Britain* (Grã-Bretanha) e *exit* (saída). Designa a saída do Reino Unido da União Europeia (fonte: BBC Brasil)

⁴ Animismo: tendência a considerar todas as coisas e fenômenos naturais como dotadas de alma e capazes de agir segundo uma finalidade (fonte: Dicionário Luft).

A possibilidade de novos conflitos ainda existe: na fronteira norte restam áreas sem definição e a abundância de combustíveis fósseis na região de Abyei reforçam o prognóstico.

Selecionamos três manchetes a respeito do drama humanitário sudanês do sul, denunciado pela ONU, divulgadas em importantes veículos de comunicação estrangeiros e nacional para ilustrar este trabalho, com o propósito de extrair-lhes dados vinculantes a conceitos de Geopolítica, objetivo de nosso estudo.

Vejamos:

a) Soudan du Sud : des experts de l'ONU dénoncent un « nettoyage ethnique »

« Faim extrême, viols collectifs et destruction de villages » ravagent plusieurs régions du pays, ont averti jeudi des experts de l'ONU au terme de leur mission.

Le Monde.fr avec AFP

b) Mais jovem país do mundo enfrenta a guerra, a crise e agora a fome

[ONU e governo alertam que cem mil pessoas estão em risco imediato de inanição no Sudão do Sul, mas pode alastrar a mais um milhão.](#)

Diário de Notícias - Fundado em 29 de dezembro de 1864 - Quarta-Feira 22 de fevereiro de 2017 03:28

LOCALIDADE (Portugal) ▼

c) SUDÃO DO SUL DECLARA SITUAÇÃO DE FOME, QUE JÁ ATINGE 5 MILHÕES

O ESTADO DE SÃO PAULO

Caderno A!2 Mundo - terça feira, 21 de fevereiro de 2017.

O francês Le Monde ancora sua reportagem, manchete “a”, edição digital, de 21.02.2017, nas declarações da chefe da delegação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Yasmin Sooka. De acordo com o jornal, após uma missão de dois anos naquele país, ela adverte: “«*Il y a déjà un processus régulier de nettoyage ethnique en cours dans plusieurs zones du Soudan du Sud* », qui se traduit notamment par la «*faim extrême, des viols collectifs et la destruction de villages*»”.

Segundo a reportagem, após a visita a diferentes regiões do país, inclusive à capital, Juba, Mme Sooka denuncia um genocídio iminente: *“un conflit en cours, des identités ethniques polarisées, une déshumanisation, une culture du déni, des déplacements de population sur des critères ethniques”* e compara os episódios recentes, com níveis sem precedentes de violência e tensões étnicas, inclusive com o recrutamento de crianças para os combates, com os fatos ocorridos em Ruanda, outro país africano.

A manchete de O Diário de Notícias, manchete “b”, publicação portuguesa, edição digital, de 22.02.2017, apresenta a grave situação vivida pelos sudaneses do sul com maior abrangência que a reportagem francesa, indicando dados necessários à classificação de uma região como área de fome, as zonas mais afetadas pelo flagelo, algumas informações geográficas e políticas sobre o país africano, tais como, religião predominante da população, sua grande produção de petróleo, seus conflitos, de início, pela independência do Sudão e, atualmente, motivados por diferenças étnicas, bem como informações sobre a atuação da ONU no local.

Segundo a coluna,

[Os combates impediram muitos agricultores de colher o que plantaram, enquanto a inflação descontrolada - em 2016 chegou aos 800% - fez disparar o preço dos alimentos importados, colocando-os fora do alcance de quase toda a população. O Sudão do Sul sofreu ainda a seca em várias regiões.](#)

Neste caso, também é feita uma comparação entre a situação atual do Sudão do Sul com uma crise semelhante vivida pela Somália, outro país pertencente à África subsaariana, ocorrida em 2011.

Em situação oposta a O Diário de Notícias, o periódico brasileiro O Estado de São Paulo, manchete “c”, em sua publicação física, de 21.07.2017, dedicou apenas dezoito linhas a respeito do tema, no final da página, no canto direito, ou seja, sem o menor destaque e sem pormenores.

O texto reproduz a opinião do presidente do Escritório Nacional de Estatística (não diz de onde), Isaiah Chol Aruí, para quem “A convergência de provas mostra que os efeitos de longo prazo no conflito, junto com a crise

econômica e a baixa produção agrária, poderão afetar 5,5 milhões de pessoas até julho.”

Apesar de veiculadas em diferentes suportes (digital e físico), estilos e idiomas, as três narrativas sobre a atual situação observada no Sudão do Sul apresentam alguns pontos de convergência:

- declaração de zona de fome;
- recorrência do fenômeno;
- comparação do fato narrado a situações semelhantes vividas por outros países circunvizinhos ao Sudão do Sul;
- potencialização dos problemas em decorrência dos permanentes conflitos no país, mesmo após a independência;

Sobre zona de fome, O Diário de Notícias apresenta o seguinte conceito, sem, contudo, indicar a fonte:

Para ser declarada fome, é preciso que pelo menos 20% da população tenha acesso a menos de 2000 calorias de alimentos por dia, que mais de 30% das crianças sofram de mal nutrição e que se registrem diariamente duas mortes por cada dez mil pessoas ou a morte de quatro crianças em cada dez mil.

Já em CASTRO, encontramos as seguintes ponderações:

Consideramos área de fome aquelas em que pelo menos a metade da população apresenta nítidas manifestações carenciais no seu estado de nutrição, sejam estas manifestações permanentes (área de fome endêmicas), sejam transitórias (áreas de epidemia de fome). Não é o grau de especificidade carencial que assinala e marca a área, mas a extensão numérica em que o fenômeno incide na população. [...] Para que uma determinada região possa ser considerada área de fome, dentro do nosso conceito geográfico, é necessário que as deficiências alimentares que aí se manifestam incidam sobre a maioria dos indivíduos que compõem seu efetivo demográfico (2002, p.35).

A recorrência de áreas de fome, não somente no Sudão do Sul como também entre seus vizinhos, a princípio reforçaria o paradigma da geografia denominado determinismo ambiental, o qual estabelece uma relação causal entre o comportamento humano e a natureza, sendo esta, fator de determinação.

Para Corrêa, embora esse paradigma venha perdendo destaque na trajetória histórica da disciplina Geografia, ele ainda não desapareceu totalmente. Segundo o autor,

Seus defensores afirmam que as condições naturais, especialmente as climáticas, e dentro delas a variação da temperatura ao longo das estações do ano, determinam o comportamento do homem, interferindo na sua capacidade de progredir. Cresceriam aqueles países ou povos que estivessem localizados em áreas climáticas mais propícias (2007, p.9).

Em direção contrária a esse paradigma, a reportagem de O Diário de Notícias, traz a opinião do líder do Programa Alimentar Mundial – PAM⁵, no Sudão do Sul, Joyce Luma, que a fome naquele país é de “responsabilidade humana”.

A menção a que zonas de fome aconteceram, e ainda podem acontecer, não somente no Sudão do Sul, como também em seus vizinhos, remete-nos a uma das categorias de análise da geografia política denominada regionalização, que consiste em distribuir o espaço geográfico em áreas com características que as individualizem, cujos critérios para esta individualização podem ser econômicos, sociais, antropológicos, entre outros.

De acordo com Corrêa,

[...] o aparecimento da divisão social do trabalho, da propriedade da terra, dos meios e das técnicas de produção, das classes sociais e suas lutas, tudo isto se deu com enorme distância em termos espaço-temporais, levando a uma diferenciação intra e intergrupos. Do mesmo modo, a difusão dos processos de mudança fez-se desigualmente, reforçando a diferenciação de áreas (2007, p.43).

⁵ Programa Alimentar Mundial (PAM) é a principal agência da ONU na luta contra a fome global e também a maior agência humanitária do mundo. Fundada em 1963, a PAM, já alimentou mais de 1,4 bilhões das pessoas mais pobres do mundo e investiu mais de 30 bilhões de dólares em suas atividades. As principais atuações da PAM estão divididas em três espécies: emergência, longo prazo e recuperação, e programas de desenvolvimento, as quais estão aliadas em um único objetivo: fornecer alimentos e recursos para a construção de comunidades auto-suficientes nos lugares mais carentes e desfavoráveis (fonte ONU Brasil).

Os quatro países mencionados nas três reportagens apresentadas anteriormente (Ruanda, Somália, Sudão e Sudão do Sul) localizam-se na chamada África subsaariana, região do continente africano situada ao sul do Deserto do Saara. Porém, África subsaariana não é uma divisão política, mas apenas um termo usado em referência aos países que possuem maior parte da população negra naquele continente. No passado, era muito usado o termo “África negra” para esta região, em oposição a “África branca”, composta pelos países ao norte do Deserto do Saara, termos que atualmente estão caindo em desuso, tendo em vista as conotações racistas.



Figura 1

Mapa da África Negra ou Subsaariana, que ocupa cerca de 70% do continente africano

Dados do Banco Mundial apontam que essa é a região mais pobre do planeta. Apenas 37% da população, de 973,4 milhões de pessoas, vivem na região urbana. A renda *per capita* é de US\$ 1.638 e a esperança de vida ao nascer é de 58 anos. A queda do preço das commodities (petróleo, principalmente) e as incertezas políticas afetam a performance econômica da região. No entanto, apesar de esses problemas fazerem parte da realidade da maioria dos países subsaarianos, alguns, como África do Sul e Nigéria, por exemplo, apresentam um patamar de desenvolvimento bem acima dos outros e, portanto, com melhores índices sociais e econômicos.

Sobre essas desigualdades sócio-econômicas observadas naquela região, como em diversas outras partes do mundo, SANTOS avalia que:

As desigualdades regionais podem ser definidas como diferenças duráveis, localmente interdependentes e cumulativas entre subespaços de um mesmo país. Condições não somente conjunturais mas também estruturais são responsáveis por numerosas diferenças duráveis, ligadas umas às outras, na escala do espaço considerado.

A causa motriz dessas inter-relações locais pode-se encontrar fora da região local. É por isso que esse fenômeno é durável e cumulativo (2008, p.293).

Ratificando essa avaliação, especialistas apontam que a origem das condições de pobreza extrema e de instabilidade política na região deve-se à dominação colonial, realizada a partir do século XIX, que resultou na partilha do continente africano entre potências econômicas da época, partilha esta definida pela Conferência de Berlim⁶ (1884-1885). Aquelas potências dividiram o continente em territórios, obedecendo apenas a seus próprios interesses, desconsiderando os limites territoriais demarcados pelos grupos étnicos locais que, desde tempos imemoriais, são rivais e lutam entre si pelo poder.

Nas reportagens sob comento, pode-se vislumbrar como pano de fundo de tragédias humanitárias desta natureza fundamentos políticos, tais como, dominação colonial, citada no parágrafo anterior, e territorialidade, característica de preservação pela cultura local de uma forte organização social tribal.

A divisão do continente africano entre os países europeus signatários do Tratado de Berlim obedece a pelo menos duas das leis do crescimento dos Estados, estabelecida por Friedrich Ratzel (1844-1904), pensador alemão, considerado como um dos principais teóricos clássicos da Geografia e o precursor da Geopolítica, segundo as quais:

a) Uma lógica geográfica prevalece em todo processo de expansão territorial, pois o estado se esforça para absorver regiões importantes que possibilitem a viabilidade de seu território: litoral, bacias fluviais,

⁶ A Conferência de Berlim, proposta pelo Chanceler alemão **Otto von Bismarck**, consagrou como regra de Direito Internacional o princípio de “uti possidetis jure” do litoral africano, afastando definitivamente os denominados “direitos históricos”, isto é definiu regras uniformes nas relações internacionais relativamente às ocupações nas costas do continente africano, entre outros acordos (fonte: Instituto Diplomático – Portugal).

planícies e, preponderantemente, territórios mais ricamente dotados (MAFRA, 2006. p.49);

b)A tendência geral à assimilação ou à absorção de Nações mais fracas convida à multiplicação de territórios, em um movimento de auto-alimentação (MAFRA, 2006.p.49).

Por sua vez, a tribo é uma das mais antigas e elementares formas de organização social, caracterizada pela presença de um território comunitário e pela unidade da língua e das tradições. Dessa maneira, cada tribo é um verdadeiro universo cultural, com suas particularidades bem definidas, que se mantêm enquanto não são expostas a culturas externas e que são também motivo constante de conflitos com outras tribos.

Para SACK, *apud* SANTOS,

A territorialidade é um comportamento humano espacial. Uma expressão de poder que não é nem instintiva e nem agressiva, apenas se constitui em uma estratégia humana para afetar, influenciar e controlar o uso social do espaço, abarcando escalas que vão do nível individual ao quadro internacional. Ou seja, "a tentativa de um indivíduo ou grupo para afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, e para delimitar e impor controle sobre uma área geográfica. Essa área será chamada de território" (1986, p.19).

Como vimos, mesmo em breves reportagens subjazem categorias de análise da geografia, conceitos e exemplos de geografia política e geopolítica, entre muitos outros temas de grande interesse para a disciplina Relações Internacionais.

Portanto, não devemos sucumbir ao estardalhaço do fenômeno TRUMP na imprensa internacional porque mesmo as notícias de rodapé, as notícias usadas apenas para preencher pequenos espaços, podem conter importantes narrativas grandemente ligadas às relações internacionais.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Josué de. Geografia da fome. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CORRÊA. Roberto Lobato. Região e organização espacial. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. Geopolítica: introdução ao estudo. São Paulo: Scurezza, 2006. Cap. I a III.

SANTOS, Carlos. Território e territorialidade. Revista Zona de Impacto. vol. 13, Setembro/Dezembro, ano 11, 2009. (Departamento de Geografia – UFRO). Disponível em: www.albertolinscaldas.unir.br. Acesso em: 23 de fev. 2017.

Mais jovem país do mundo enfrenta a guerra, a crise e agora a fome. Diário de Notícias. 21 fev. 2017. Disponível em: <http://www.dn.pt/mundo/interior>.

O que é 'Brexit' - e como pode afetar o Reino Unido e a União Europeia? BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36555376>. Acesso em 22 de fev. 2017.

Soudan du Sud : des experts de l'ONU dénoncent un « nettoyage ethnique ». Le Monde.fr. 21 fev. 2017. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/afrique>.

Sudão do sul declara situação de fome, que já atinge 5 milhões. O Estado de São Paulo. 21 fev. 2017. Caderno A12. Mundo. África.

ANEXO 1

COMPTE RENDU

Soudan du Sud : des experts de l'ONU dénoncent un « nettoyage ethnique »

« Faim extrême, viols collectifs et destruction de villages » ravagent plusieurs régions du pays, ont averti jeudi des experts de l'ONU au terme de leur mission.

Le Monde.fr avec AFP 21.02.2017

S'abonner dès 1 € Réagir Ajouter

Partager (429) Tweeter

image: http://s2.lemde.fr/image/2016/12/01/768x0/5041796_6_f7ad_une-famille-sud-soudanaise-a-fui-les-violences_97e90324e4e75f871164284ca38cfa02.jpg



Le [Soudan du Sud](#) présente des signaux de « **génocide imminent** », avertissent des experts de l'ONU. Un processus de « **nettoyage ethnique est en cours** » dans plusieurs régions du [Soudan](#) du Sud, ont-ils conclu, jeudi 1^{er} décembre, au terme d'une mission de dix jours dans ce pays, en guerre depuis trois ans.

« *Il y a déjà un processus régulier de nettoyage ethnique en cours dans plusieurs zones du Soudan du Sud* », qui se traduit notamment par la « *faim extrême, des viols collectifs et la destruction de villages* », a averti dans un communiqué Yasmin Sooka, la chef d'une délégation du Haut Commissariat des Nations unies aux droits de l'homme. « *Partout où nous sommes allés dans le pays, nous avons entendu des villageois [dire](#) qu'ils étaient prêts à [répandre](#) le sang pour [récupérer](#) leurs terres* », a-t-elle ajouté, sans [viser](#) un camp en particulier. « *Beaucoup nous ont dit que le point de non-retour avait été atteint.* »

Lire aussi : [L'ONU fait son autocritique au Soudan du Sud](#)

M^{me} Sooka s'exprimait à la suite d'une visite de la délégation dans les [villes](#) clés de Bentiu (nord), Malakal (nord-est) et Wau (nord-ouest), mais aussi dans la capitale, Juba, à la rencontre de responsables gouvernementaux, de membres de la société civile et de victimes du conflit.

M^{me} Sooka avait déjà tenu mercredi une conférence de presse à Juba. Elle y avait évoqué « *des niveaux sans précédent de violences et de tensions ethniques partout au Soudan du Sud* », sans pour autant [utiliser](#) le terme de « *nettoyage ethnique* ». Elle avait également soutenu que les forces fidèles au président Salva Kiir et les forces rebelles fidèles à l'ancien vice-président Riek Machar recrutent de force de nouveaux soldats, parmi lesquels des enfants, et craignait une intensification des combats avec le retour de la saison sèche.

« *Tout est là pour que se répète ce qui s'est passé au [Rwanda](#)* »

Indépendant depuis 2011, le Soudan du Sud a plongé en décembre 2013 dans une guerre civile, qui a causé des dizaines de milliers de morts et plus de 2,5 millions de déplacés.

Dans le communiqué, la chef de la délégation de l'ONU a soutenu que « *tout est là pour que se répète ce qui s'est passé au Rwanda, et la communauté internationale a l'obligation de l'empêcher* ».

A la mi-novembre, le [conseiller](#) spécial de l'ONU sur la prévention du génocide, Adama Dieng, avait déjà affirmé devant le Conseil de sécurité [avoir](#) vu au Soudan du Sud « *tous les signes qui montrent que la haine ethnique et le ciblage des civils peuvent [déboucher](#) sur un génocide si rien n'est fait pour l'empêcher* ».

Lire aussi : [Plus d'un million de personnes ont fui le Soudan du Sud](#)

Rappelant les déclarations de M. Dieng, M^{me} Sooka a énuméré jeudi « *de nombreux signaux d'alerte d'un génocide imminent qui sont déjà présents : un conflit en cours, des identités ethniques polarisées, une déshumanisation, une [culture](#) du déni, des [déplacements](#) de [population](#) sur des critères ethniques* ». « *Mais l'important, a-t-elle soutenu, c'est qu'il est encore temps de l'empêcher* », a-t-elle ajouté.

Les experts de l'ONU ont renouvelé un appel en faveur d'un embargo sur les armes, de sanctions, du déploiement de 4 000 soldats de maintien de la paix supplémentaires et de la création d'un tribunal spécial sur les crimes de guerre.

ANEXO 2

Quarta-Feira 22 de fevereiro de 2017 03:28 Fundado em 29 de dezembro de 1864

22 FEVEREIRO 2017

Diário de Notícias

LOCALIDADE (Portugal) ▼

Mais jovem país do mundo enfrenta a guerra, a crise e agora a fome



Guerra civil no Sudão do Sul, independente desde 2011, já fez mais de três milhões de deslocados

[ONU e governo alertam que cem mil pessoas estão em risco imediato de inanição no Sudão do Sul, mas pode alastrar a mais um milhão.](#)

[Para ser declarada fome, é preciso que pelo menos 20% da população tenha acesso a menos de 2000 calorias de alimentos por dia, que mais de 30% das crianças sofram de mal nutrição e que se registrem diariamente duas mortes por cada dez mil pessoas ou a morte de quatro crianças em](#)

cada dez mil. É isto que está a acontecer em algumas regiões do Sudão do Sul onde as autoridades do mais jovem país do mundo e a ONU declararam haver fome - a primeira vez em seis anos que tal anúncio surge.

A fome está por enquanto centrada no estado de Unity, no Norte do país, afetando já cem mil pessoas. Mas há mais um milhão em risco de inanição, um efeito combinado da guerra e da crise económica que se vive no Sudão do Sul. Segundo o Programa Alimentar Mundial (PAM) da ONU, além dos casos mais graves, há 4,9 milhões de pessoas (mais de 40% da população do país) a precisar urgentemente de alimento.

Rico em petróleo, o país de maioria cristã tornou-se independente em 2011, após uma longa guerra civil com o Sudão, de maioria muçulmana. Mas não se livrou da guerra, tem vivido em conflito desde 2013, quando o presidente Salva Kiir, de etnia dinka, demitiu o governo e afastou o vice-presidente, Riek Machar, de etnia nuer. As divisões étnicas marcaram os últimos anos, com a ONU a alertar para a possibilidade de se assistir a um genocídio. A violência já fez mais de três milhões de deslocados, apesar da presença de 12 mil capacetes azuis.

Pelo menos 17 mil crianças recrutadas como soldados no Sudão do Sul



Os combates impediram muitos agricultores de colher o que plantaram, enquanto a inflação descontrolada - em 2016 chegou aos 800% - fez disparar o preço dos alimentos importados, colocando-os fora do alcance de quase toda a população. O Sudão do Sul sofreu ainda a seca em várias regiões. E até julho, a ONU acredita que haverá 5,5 milhões de pessoas em risco de fome.

Joyce Luma, líder do PAM no Sudão do Sul, explicou à BBC que a fome no Sudão do Sul é "de responsabilidade humana". Guerra gera crise económica que faz subir o preço dos alimentos e reduz a produção agrícola. "Quando declaramos que há fome, é porque as pessoas já começaram a morrer de inanição", explicam a UNICEF, o PAM e a FAO num comunicado conjunto.

Esta é a pior fome desde a declarada em 2011 na Somália e que fez 260 mil mortos. O próprio Sudão, em 1998, muito antes da independência do Sul, sofrera uma fome que fez mais de 700 mil mortos.

Apesar de a declaração de fome não acarretar uma obrigação por parte dos Estados ou da ONU, é um sinal de alarme. UNICEF, PAM e a FAO alertam para a necessidade de maior apoio humanitário ao Sudão do Sul. Mas há muitas zonas de difícil acesso. Num país pouco mais pequeno do que a França só há 200 km de estradas asfaltadas. Os combates também dificultam a entrega de ajuda humanitária. Nos últimos meses multiplicaram-se as pilhagens em armazéns e alguns funcionários de ONG foram mesmo mortos.

Nas últimas semanas, uma série de demissões nas forças armadas e a saída do governo do ministro do Trabalho, que se juntou aos rebeldes nuer, deixam antecipar o agudizar da crise.

ANEXO 3



Caderno A!2 Mundo - terça feira, 21 de fevereiro de 2017.



África

SUDÃO DO SUL DECLARA SITUAÇÃO DE FOME, QUE JÁ ATINGE 5 MILHÕES

DA AFP - O governo do Sudão do Sul e agências da ONU (Organizações das Nações Unidas) declararam nesta segunda feira (20) situação de fome em várias zonas do país, onde 5 milhões de pessoas – a metade da população – sofrem com a falta de alimentos. Algumas zonas do Estado de Unidade, no norte do país, estão em situação “de fome ou risco de fome” provocada pela guerra que atinge o Sudão do Sul há mais de três anos, declarou Isaiah Chol Aruai, presidente do Escritório Nacional de Estatísticas.

A convergência de provas mostra que os efeitos no longo prazo do conflito, junto com a crise econômica e a baixa produção agrária, poderão afetar 5,5 milhões de pessoas até julho, disse Aruai.

A classificação de fome corresponde a uma escala reconhecida internacionalmente.

Não é a primeira vez que o Sudão do Sul enfrenta uma crise de fome. Ao menos 70 mil pessoas morreram devido à falta de alimentos em 1988, durante conflitos pela independência em relação ao Sudão – do qual se separou oficialmente em 2011.